JOIAS

|  |
| --- |
| “Águeda mal o viu, tão fidalgo nos seus anéis de brilhantes, no relógio de bracelete de oiro, nos sapatos de calf, no fato de lã fina como as teias de aranha, passou à adoração plena (...)" (Aquilino Ribeiro, Mina de Diamantes)    Nos dias santificados, passeava sua esposa, uma senhora dotada de gorduras carminadas, e arquejando debaixo do peso dos grilhões de ouro que lhe bamboavam sobre o promontório dos seios. adivinhava-se ali um passado de fressuras e mãozinhas de carneiro ricas de açafrão»  (Camilo Castelo Branco, Os Brilhantes do Brasileiro)    «Grosso, trigueiro com tons de chocolate, pança ricaça, joanetes nos pés, colecte e grilhão de oiro, chapéu sobre a nuca, guarda-sol verde, a vozinha adocicada, olho desconfiado, e um vício secreto. Queirós, Eça de, *O brasileiro*, Uma Campanha Alegre (de «As farpas»)    « (...) João de Barros compreendeu a importância de mostrar em Portugal o que era o Brasil real de (diferente de Brasil caricaturado no «brasileiro», no minhoto enriquecido que volta à terra de chapéu panamá, calças brancas e corrente de relógio atravessado no ventre» *Ribeiro Couto, Sentimento Lusitano*    «O Oiro do Brasil fazia parte da tradição e tinha o prestígio duma lenda entre os espíritos rudes e simples.  Viam-no reflorir nas igrejas, nos palacetes, nas escolas, nas pontes e nas estradas novas que os homens enriquecidos na outra margem do atlântico mandavam executar.  Viam-no erguer-se, refulgente, ofuscante, em moedas do tamanho do sol ao fundir-se na linha do horizonte, precisamente para os lados onde devia ficar o país maravilhoso.  E nenhuma esperança de grande prosperidade havia que não fosse cimentada com esse oiro que lá longe brotava, ininterruptamente.  Registavam-se até desalentos, pouca perseverança no trabalho da terra nativa, porque ninguém tinha fé, ninguém, em que esta viesse a compensar desgostos e canseiras.  Palavra mágica, o Brasil exercia ali um sortilégio e só a sua evocação era motivo de visões esplendorosas, de opulências deslumbrantes e vidas liberadas.  Sujeitos ao ganha-pão diário, sofrendo existência mesquinha, os lugarejos sonhavam redimir-se, desde as veigas em flor ao dorso das serranias, pelo oiro conquistado no país distante.  Aquela ideia residia dentro do peito de cada homem e era orgulho implacável até nos sentimentos dos mais agarrados ao terrunho.  Vinha já dos bisavós, de mais longe ainda; coisa que se herdava e legava, arrastando-se pela vida fora como um peso inquietante.  Todas as gerações nasciam já com aquela aspiração, que se fazia incómoda quando não se realizava.  Acocorava-se no canto da alma, como talismã, usável em momentos de desafio à sorte, ou como um bordão, para os instantes de soluções desesperadas» (Ferreira de Castro, Emigrantes) |
|  |
|  |
| **Miguel Monteiro (Coordenador )** |